

#cm

2

QUINTA-FEIRA

Baia resgata memórias antigas em novo álbum

PÁGINA 4



Musical resgata a arte de Jovelina Pérola Negra

PÁGINA 7



Coletiva mostra obras de residência remota

PÁGINA 8





Divulgação

Redentor,

o que trazes pra mim

A 27ª edição da maratona cinéfila carioca começa nesta quinta, trazendo 298 filmes das mais variadas partes do mundo para 25 salas de exibição de toda a cidade

Por RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã



Julia Roberts, Ayo Edebiri, Andrew Garfield, Chloë Sevigny e Michael Stuhlbarg integram a constelação que transforma o filme de abertura do 27º Festival do Rio, o drama “Depois da Caçada” (“After the Hunt”), do italiano Luca Guadagnino (de “Me Chame Pelo Seu Nome”) num ímã de aplausos e Oscars numa trama sobre quebra de decoro e meias verdades no ambiente acadêmico. Sua sessão esta noite no Odeon, numa cerimônia apresentada pelo ator Fabrício Boli-veira, inaugura uma maratona de projeções, debates, competições e renovações do olhar que trará 298 filmes, de 74 países, para o Brasil. Desse montante, 112 são produções nacionais, incluindo “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, que será representado por seu astro rei: o baiano de Rodelas Wagner Moura. No pacote nacional, merecem destaque “Sexa”, filme de estreia de Gloria Pires na direção; “O Homem de Ouro”, de Mauro Lima, sobre o Esquadrão da Morte; “Para Vigo me Voy”, comovente documentário de Karen Harley e Lício Ferreira sobre Cacá Diegues (1940-20125); “Perto do Sol é Mais Claro”, que traz Reginaldo Faria em estado de graça; e o longa com tom de vitrola “Anos 90: A Explosão do Pagode”, de Emílio Domingos e Rafael Boucinha. As demais 186 atrações vieram de terras estrangeiras e vão mobilizar 25 salas de projeção por todo o nosso território. **Continua nas páginas seguintes**

Uma Legião estrangeira em telas cariocas



O Correio da Manhã faz a seguir uma lista da safra gringa que vai mexer com o coração de nossa cinefilia.

O LAGO DA PERDIÇÃO (“La Virgen De La Tosquera”), de **Laura Casabé (Argentina)**: Num casamento preciso entre crítica social e dispositivos pop das cartilhas do terror, este thriller sobre o clamor do sexo na adolescência foi laureado com o Grande Prêmio da competição nacional do Bafici. Na trama, Natalia, Mariela e Josefina são amigas inseparáveis, loucamente apaixonadas por um amigo de infância. No verão de 2001, em meio a crises econômicas em terras portenhas (e arredores), Silvia, uma moça já adulta, junta-se ao grupo e cativa o rapaz. Desolada, Natalia põe em prática heranças místicas de sua avó, envolvendo feitiços... e cães ferozes. O realizador Benjamín Naishtat (de “Vermelho Sol” e “Puan”) colaborou com Laura no roteiro.

MARLEE MATLIN: NÃO MAIS SOZINHA (“Marlee Matlin: Not Alone Anymore”), de **Shoshannah Stern (EUA)**: Radiografia de uma estrela que redefiniu o escopo profissional de PCDs no cinema dos EUA. Em 1987, com apenas 21 anos, Marlee tornou-se a primeira atriz diagnosticada com surdez a ganhar um Oscar. Venceu por sua atuação em “Filhos do Silêncio”, de Randa Haines. Catapultada ao centro das atenções, aproveitou o momento para desafiar uma indústria despreparada para lidar com diferenças. Estrelou outro ganhador de Oscars faz pouco: “Coda – No Ritmo do Coração”, de 2021.

VIDA PRIVADA (“Vie Privée”), de **Rebecca Zlotowski (França)**: Promessa de bilheteria milionária e indicações ao Oscar, este thriller com um sagaz bom humor arranca atuação luminosa de Jodie Foster e apresenta o ex-casal (ou quiçá futuro) mais fofo deste festival, formado por ela e por Daniel Auteuil. A estrela vive uma psiquiatra que suspeita de um possível assassinato envolvendo a morte de uma paciente. Auteuil vive um oftalmologista com quem ela foi casada e os dois têm um ben-



O Lago da Perdição

Divulgação



Nawi - Querida Eu no Futuro

querer e um tesão ativos. É ele quem vai apoiá-la numa abilolada investigação.

O OLHAR MISTERIOSO DO FLAMINGO (“La Misteriosa Mirada Del Flamenco”), de **Diego Céspedes (Chile)**: Filas gigantes se formaram nas projeções em Cannes e em San Sebastián dessa reconstituição histórica da vida no norte chileno no início dos anos 1980, numa área de mineração na qual um cabaré de mulheres trans e travestis enfrenta o boom da Aids. Tudo é visto pelos olhos de uma menina, Lidia (Tamara Cortes), tratada como filha pela performer Flamenco (Matías Catalán), alvo de transfobia. Na trama, o contágio do HIV é tratado com misticismo, numa crença de que a “peste” se espalha pela troca de olhares.



Paraíso Prometido

Sua passagem pela Croisette foi recompensada com o Prix Un Certain Regard.

O RISO E A FACA, de **Pedro Pinho (Portugal)**: Paisagens da Guiné-Bissau fotografadas pelo cearense Ivo Lopes Araújo se agigantaram poeticamente nesta espécie de “O Céu Que Nos Protege” luso-brasileiro do diretor de “A Fábrica de Nada” (2017). Tem ecos d’África(s), do Brasil e da “terrinha” numa jornada que fala de origens e de futuros possíveis para povos que, unidos por uma língua, precisam superar os ranços do pacto colonial. A trama segue o périplo de um engenheiro europeu (vivido por Sergio Coragem) que caça lastros identitários de uma cultura branca ocidental que se manchou de sangue ao longo de



Não Mais Sozinha

Divulgação



Vida Privada

Divulgação



Couture

séculos. A atriz cabo-verdiana Cleo Diára foi premiada em Cannes por sua atuação.

A VOZ DE HIND RAJAB (“The Voice Of Hind Rajab”), de **Kaouther Ben Hania (Tunísia)**: Apesar da torcida por “O Agente Secreto”, as maiores chances de Oscar para um filme de língua não inglesa de 2026 parecem estar com esta produção da cineasta responsável por “As 4 Filhas de Olfa”. A partir do áudio original de uma menina palestina que ficou num tiroteio na Faixa de Gaza, em janeiro de 2024, a diretora reconstitui a luta de um grupo de voluntários para tentar resgatá-la. A produção ganhou o Grande Prêmio do Júri em Veneza e o Troféu Cidade de Donostia em San Sebastián.

COUTURE, de Alice Winocour (França): Imperfeito, mas imperdível, este painel do mundo da moda, e sua efemeridade, arranca de Angelina Jolie sua interpretação mais comovente. Ela vive uma cineasta que, contratada para filmar a Paris Fashion Week, descobre ter um câncer de mama. Seu conflito pessoal é contatado numa narrativa de painel, centrada em mulheres que buscam sua voz na indústria dos desfiles, entre elas uma jovem modelo de Nairóbi.

NAWI – QUERIDA EU NO FUTURO (“Nawi”), de Vallentine Chelluget, Apuu Mourine e Kevin Schmutzler (Quênia): Festivais na China, na Suécia e nos EUA aplaudiram esta saga antissexista de recusa das tradições patriarcais, com foco num concurso de redação. Sua protagonista pode se tornar um talento das Letras, mas corre o risco de não cursar o ensino médio pois seu pai, Eree, planeja casá-la com um estranho, Shadrack. Nawi se recusa... e reage.

PARAÍSO PROMETIDO (“Promis Le Ciel”), de Erige Sehiri (França/ Tunísia): A cineasta franco-tunisiana que deu ao audiovisual uma joia chamada “Debaixo das Figueiras” (2021) volta a encantar plateias com um conto sobre sororidade. Na trama, uma ex-jornalista e pastora da Costa do Marfim transforma sua casa num abrigo informal para mulheres que encaram as asperezas do cotidiano. Uma órfã vai mudar a rotina delas.

BELÉN, de Dolores Fonzi (Argentina): Filme mais festejado dos concorrentes à Concha de Ouro de San Sebastián, de onde saiu com a láurea de Melhor Interpretação Coadjuvante para Camila Plaate. A trama decorre em Tucumán, na Argentina, em 2014. Numa noite, uma jovem (Plaate) dá entrada num hospital com fortes dores abdominais, sem saber que está grávida. Acorde algemada à maca e cercada por policiais. É acusada de ter provocado um aborto e, após 24 meses em prisão preventiva, é condenada a oito anos de prisão por homicídio qualificado devido ao vínculo familiar. Uma advogada de Tucumán (interpretada com ardor por Fonzi) lutará pela sua liberdade com o apoio de milhares de mulheres e organizações.

LA GRAZIA, de Paolo Sorrentino (Itália): Toni Servillo flechou o coração da cinefilia brasileira ao tietar Fernanda Torres, elogiando seu desempenho em “Ainda Estou Aqui”, quando recebeu da mão dela a Copa Volpi de Melhor Ator em Veneza por mais uma parceria com o diretor de “A Grande Beleza”



O Olhar Misterioso do Flamingo



A Voz de Hind Rajab



La Grazia



A Ilusão de Yakushima



As Meninas

(ganhador do Oscar em 2014). Sua atuação aqui transcende sua excelência já habitual. Ele vive um presidente viúvo em fim mandato que precisa decidir sobre a legalização da eutanásia enquanto passa suas angústias em revista.

JUSTA, de Teresa Villaverde (Portugal): A



O Riso e a Faca



Belén



Justa



Fernão de Magalhães



O Que A Natureza Te Conta

diretora de “Colo” (indicada ao Urso de Ouro de 2017) e “Transe” (sensação de Cannes de 2006) volta às telas numa trama ambientada em 2017, em meio a grandes incêndios que destruíram florestas e mataram crianças e adultos, na região das aldeias lusas. A trama acompanha um núcleo pequeno de pessoas que perderam

os familiares mais próximos e que agora estão no processo de aprender a viver depois de tudo o que aconteceu. Betty Faria integra seu elenco.

A ILUSÃO DE YAKUSHIMA (“Yakushima’s Illusion”), de Naomi Kawase (Japão): Um show de atuação da luxemburguesa Vicky Krieps ilumina este longa da diretora de “Esplendor” (2017). Na trama, a francesa Corry, coordenadora de transplantes cardíacos pediátricos, é enviada ao Japão, onde a doação de órgãos continua sendo um tabu. Enquanto luta para salvar um menino, seu parceiro Jin, um fotógrafo de Yakushima, desaparece repentinamente. Ele se torna um “Johatsu”, como os japoneses chamam as 80 mil pessoas que desaparecem da noite para o dia a cada ano. Corry enfrenta uma dupla prova: salvar uma criança enquanto lida com a perda do homem que ama.

FERNÃO DE MAGALHÃES (“Magallanes”), de Lav Diaz (Filipinas): O realizador de “A Mulher Que Se Foi” (Leão de Ouro em 2016) recria os últimos meses da vida do explorador português Fernand de Magellan, que morreu nas Filipinas em 1521. O resultado é um retrato íntimo e assustador de um homem confrontado com suas trevas internas. A entrega do ator Gael García Bernal ao papel é um primor.

AS MENINAS (“Le Bambine”), das irmãs Valentina e Nicole Bertani (Itália): Um dos roteiros mais festejados entre os concorrentes ao Leopardo de Ouro de Locarno. É uma volta a um tempo de crise para a população italiana: 1997. Naquele momento, Linda, de oito anos, foge de uma vila na Suíça pertencente à sua avó rica, onde vive com sua mãe, Eva. Na fuga, ela conhece Azzurra e Marta. Um vínculo de verão une as três meninas em uma gangue formada para proteger umas às outras, sua juventude e sua liberdade. Ao redor delas, pares pais egoístas perseguindo sonhos frágeis, vizinhos fofoqueiros e uma babá queer em busca de pertencimento em um mundo homofóbico.

O QUE A NATUREZA TE CONTA (“What Does That Nature Say to You”), de Hong Sangsoo (Coreia do Sul): Não se faz um festival de cinema que rastreia autoralidades sem a inclusão do mais prolífico diretor da atualidade. Nesta produção indicada ao Urso de Ouro, o arredio poeta Donghwa leva a namorada, Junhee, para uma viagem de carro de Seul até a casa dos pais dela, nos arredores da localidade de Icheon. Lá, engata-se uma ciranda de conversas regada a álcool, o que joga as máscaras hipócritas de muita gente no chão.

CORREIO CULTURAL

Criada com a IA GPT Imagem



As exportações de arte brasileira cresceram 7,2%

Brasil amplia participação no mercado global de arte

Apesar do cenário global adverso, as exportações brasileiras de obras de arte apresentam um quadro vigoroso, diz o relatório da Act Arte dedicado ao tema. A análise faz parte da 7ª Pesquisa Setorial do Mercado de Arte no Brasil e abrange o período de 2023 ao primeiro semestre de 2025, com dados obtidos no Ministério do

Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Segundo o texto, o desempenho das exportações em 2024 foi de crescimento no país. As exportações globais de obras de arte cresceram 7,2%, de US\$ 269 milhões para US\$ 288 milhões. As exportações se concentraram nas pinturas (65%), escultura (32%) e fotografia (3%).

Lollapalooza

O Lollapalooza Brasil anunciou a sua programação por dia para a edição de 2026, que acontecerá do dia 20 a 22 de março no Autódromo de Interlagos. A organização também revelou que as vendas de ingressos já estão abertas.

Lollapalooza III

No dia 21 também tocam a banda Deftones, o trio Men I Trust e o grupo americano de rock Interpol. Entre os artistas brasileiros, o line-up da sexta reserva shows das bandas Scalene e Terraplan, a rapper Negra Li e Edson Gomes.

Lollapalooza II

Entre os destaques da sexta-feira (20), Sabrina Carpenter retorna ao Brasil pela primeira vez depois de lançar o álbum "Man's Best Friend", que continua o momento de sua carreira que foi consagrado pelo sucesso do disco "Short N'Sweet".

Lollapalooza IV

O último dia do festival (22) terá como headliner o cantor Tyler, The Creator, que realiza o seu primeiro show solo no Brasil. Ele apresentará o seu álbum mais recente, "Don't Tap The Glass". O músico divide a data com Lorde e Addison Rae.



Baia diz que o álbum se originou de uma saudade profunda das músicas que ele ouvia antes de fazer música

Na batida do baião de Baia

Cantor e compositor resgata raízes nordestinas em seu mais novo álbum

Por Affonso Nunes

Maurício Baia acaba de lançar seu 13º álbum de estúdio, "Batidas do Coração" (Benguela/Virgin). O trabalho marca um retorno às origens do artista, que nasceu na Bahia, foi criado em Pernambuco, viveu no Rio de Janeiro por décadas e hoje está radicado em Miami (EUA).

O disco reúne 11 faixas inéditas, todas compostas por Baia, sendo duas em parceria com Gabriel Moura, um de seus parceiros mais frequentes. A sonoridade regional nordestina permeia todo o repertório, refletindo uma busca pelas raízes musicais que moldaram sua formação artística. "Este álbum se originou de uma saudade profunda das músicas que eu ouvia antes de

Divulgação



fazer música, lembrança das festas tradicionais, dos estilos de versos que ecoam das praças, das primeiras vezes que fui a bailes no interior e dos primeiros passos no salão", explica o artista sobre a concepção do trabalho.

A proposta do álbum privilegia a dança sem abrir mão da escuta atenta, criando um ambiente sonoro homogêneo que convida ao movimento. A faixa-título, que abre o

disco, estabelece o tom nostálgico e dançante que caracteriza toda a obra. Entre os destaques estão as canções "Eu Amo Você", "Me Beije" e "Você Disse Que Sim".

As gravações aconteceram no estúdio "O Barquinho", de Roberto Menescal, na Barra da Tijuca, entre novembro de 2024 e maio de 2025, sob produção de Thiago Frazão e arranjos de Rodrigo Ramalho.

A formação musical conta com Baia nos vocais e violão, Wlad no baixo, Pitito na bateria e percussão, Caesar Barbosa na guitarra e Rodrigo Ramalho na sanfona, teclado e cítara. A mixagem ficou a cargo de Thiago Frazão, enquanto a masterização foi realizada por André Dias.

Com mais de três décadas de carreira, Baia iniciou sua trajetória musical nos anos 1990 com a banda Baia & Rockboys, lançando três álbuns independentes. Assumidamente influenciado pela obra do conterrâneo Raul Seixas, Baia participa há anos das edições do evento Baú do Raul, organizado pelo Circo Voador. Em 2006, embarcou na carreira solo com "Habeas Corpus", explorando a fusão entre MPB, folk e rock. O músico também integrou o grupo 4 Cabeça, ao lado de Gabriel Moura, Rogê e Luis Carlinhos, projeto que conquistou o Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Grupo de MPB em 2010.

Lá atrás havia um certo Caetano

Nina Becker revisita infância musical em tributo intimista ao compositor baiano

Por Affonso Nunes

Nina Becker retorna ao palco do Manouche nesta quinta-feira (2), às 21h, com “Love, Love, Love, um ensaio sobre Caetano Veloso”, espetáculo que mergulha nas memórias musicais de sua infância através da obra do compositor baiano. O show propõe um formato de ensaio aberto

em que o repertório se transforma a cada apresentação. A proposta nasceu das lembranças afetivas da cantora, que cresceu ouvindo Caetano Veloso na vitrola de casa. “Fazer este show e cantar essas canções me traz a sensação do colo que recebia da minha mãe quando era pequena; é a origem desse afeto que culminou nesse projeto”, revela Nina. A artista se define como “devota e quase especialista” na obra caetânica, explorando principalmente os discos do início da carreira do compositor. O espetáculo privilegia canções menos conhecidas do grande público, como a delicada “Pelos Olhos” e a roqueira “Shoot Me



Matheus Rubin/Divulgação

SERVIÇO
LOVE, LOVE, LOVE, UM ENSAIO SOBRE CAETANO VELOSO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)
2/10, às 21h
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária com doação de 1kg de alimento ou livro para o Retiro dos Artistas)

Dead”, da fase londrina de Caetano. O repertório investigativo também inclui “Aracaju”, parceria com Tomás Improta, e a jazzística “Os Meninos Dançam”, além de composições autorais influenciadas pela obra do homenageado, como “Nuvem”, parceria com Marcelo Callado, e “Grão de Sal”, criada com Jonas Sá e Rubinho Jacobina. Nina é acompanhada por Felipe Fernandes (guitarra), Paulo Emmery (baixo), Pedro Fonte (bateria) com participação especial de Tomás Improta, pianista que marcou presença nas turnês e gravações dos discos iniciais de Caetano, incluindo “Muito”, “Joia” e “Cores Nomes”. Nina explica que o formato de ensaio permite variações constantes no setlist, refletindo o caráter investigativo do projeto. “Mostro minha coletânea ao vivo com canções lado Z do nosso amado baiano, e em cada apresentação vamos variando o repertório”, conta a cantora, que já decidiu incluir músicas na hora da apresentação.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Bossa e samba jazz

A cantora Verônica Sabino se apresenta no Teatro Rival Petrobras nesta quinta-feira (2), às 19h30, acompanhada do grupo Conexão Rio. Com mais de 40 anos de carreira e 11 álbuns, a artista divide o palco com André Cechinel, Fernando Barroso, Fernando Clark e Zé Mário. O repertório explora bossa nova, sambalão e samba-jazz, destacando o encontro entre a voz experiente da cantora e os arranjos instrumentais refinados do grupo, que atua desde 2002 e possui dois álbuns gravados.

Castelo Branco/Divulgação



Memória viva

O multi-instrumentista Arismar do Espírito Santo se apresenta no Blue Note Rio nesta quinta-feira (2), às 20h. Com mais de cinco décadas de carreira, o artista recebeu prêmios e colecionou histórias da música brasileira e de seus principais protagonistas, tornando-se uma preciosa memória viva. Compositor, poeta e contador de histórias, Arismar dirigiu projetos culturais como Cordas à Solta, Corrente do Samba e Encontro Brasileiro do Acordeom, unindo música, poesia, teatro e artes plásticas. Uma oportunidade de conhecer seu ecletismo e virtuosismo musical.

Ana Migliari/Divulgação



Piazzolando

Sexteto apresenta a música de Astor Piazzolla, o maior nome do tango moderno, no Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 – Botafogo) nesta quinta (2), às 20h. O espetáculo reúne tango, jazz e ritmos africanos em releituras de clássicos como “Milonga del Angel” e “Libertango”. A formação conta com Zé Maria (sax), Leonardo Fantini (violino), Didac Tiago (percussão), Martín Robbio (teclado), Roberto Rutigliano (foto, bateria) e Domenico Botelho (contrabaixo). Uma noite que combina a sofisticação do tango novo com a liberdade do jazz.

Renato Mangolin/Divulgação

Helena Bittencourt começou a atuar aos 9 anos no Rio. Cria da Glória, naturalmente pegou o caminho da UniRio para cursar teatro e, na sequência, engrenou na Escola Nacional de Circo. Trinta anos depois, é premiada intérprete, roteirista, encenadora, acrobata, pirofagista, faz cinema, performance e divide tudo isso com o marido, o holandês Goos Meeuwsen, que conheceu trabalhando no Cirque du Soleil, numa temporada em Taiwan. Com ele, está em cena no incomum “Como Um Palhaço – Like a Clown”, em reta final, de quinta a domingo na arena do Sesc Copacabana.

Fã do trabalho da dupla, o ator, roteirista e diretor Felipe Rocha, ex-Intrépida Trupe como Helena, passou pela plateia no primeiro fim de semana do espetáculo, a primeira estreia, totalmente inédita, de Helena no Rio em muitos anos. “Goos e Helena são intérpretes deliciosos, debochados, vibrantes. É uma peça que reverencia as tradições e as histórias dos palhaços de um jeito moderno e surpreendente”, avalia o artista, conhecido por participar do Brasov, de coletivos do naipe do saudoso Foguetes Maravilha, escrever (recebeu o Prêmio Shell por “Ninguém falou que seria fácil”) e atuar.

A diretora Clara Kutner enxerga por outro ângulo. “O espetáculo é tão bom que ficaria horas assistindo. Por que a inteligência corporal dos atores, o jogo cênico com a plateia, o fato de tocarem instrumentos em cena, as projeções, tudo amplia a perspectiva ao redor. Tenho a sorte de ser amiga deles”, brinca Clara, diretora de cinema, TV, teatro e dança. “Eles são dois gênios. Lindo, poético, engraçado e criativo. É muito original”, crava o experiente Enrique Diaz.

Do Rio, Helena e Goos levam “Como Um Palhaço – Like a Clown” para Arnhem, na Holanda. “Será um pouco em inglês, um pouco em holandês”, brinca Helena. Levam com eles uma ficha técnica acostumada a sair do óbvio. O Estúdio Radiográfico, autor do comentado videografismo do show de Gilberto Gil, “Tempo Rei”. Mente por trás da trilha sonora original, o múltiplo Rodrigo Marçal cuida dos sons em cena. A roteirista Luísa Espíndula, que costurou com Helena e Goos pesquisa, dramaturgia e roteiro é outra. Também roteirista, ator, diretor, Renato Linhares está no time oferecendo régua e compasso para as artes todas. “Estrear no Rio nos dá a chance de estar por perto de artistas que admiramos muito”, declara Helena.

Para Goos Meeuwsen, o palhaço inspira tudo isso, inspira a vida. Publicamente, a identidade profissional requer cautela. “Nós nos chamamos de palhaços com orgulho. Ou



Helena Bittencourt e Goos Meeuwsen em ‘Como Um Palhaço - Like a Clown’, em cartaz no Sesc Copacabana

Palhaços sem fronteiras

A caminho da Holanda, dupla de clowns, diretores e roteiristas, celebra estreia de trabalho e prepara as malas para embarcar rumos a novas montagens na Europa

quase com orgulho. No controle de fronteira, por exemplo, ‘ator’ parece uma resposta mais segura quando a polícia alfandegária indaga a profissão. Na barbearia, novamente: ‘Sou ator’ e não ‘Sou palhaço’. Certa vez, enquanto brincávamos em um bar, um transeunte riu e presumiu que éramos comediantes profissionais. Quando lhe disseram que éramos palhaços, ele zombou: ‘Não os insultem!’. Enquanto isso, políticos no mundo todo são rotulados como palhaços”, analisa Goos.

Goos e Helena estão casados há 12 anos, são amigos há 20 e poucos. Em repertório original já reúnem 20 obras. No início do ano, apresentaram a performance MACHTIG!

inspirada no filme de Charlie Chaplin “O Grande Ditador”. O espetáculo polariza poder/riqueza e humildade/solidariedade através de dois casais distintos. “Refrescante e cômico” é como o crítico define a atuação em que trabalhadores surgem em cenas acolhedoras e a elite tem delírio de grandeza.

“Como Um Palhaço – Like a Clown” está na programação do festival “this is not circus”, em Amsterdã, em janeiro de 2026. Na agenda da dupla também há compromissos com a Cia Cirque Bouffon na cidade de Colônia, na Alemanha. Realizam perto de 15 viagens por ano para trabalhar em toda parte. Já para a agenda de 2026 também está nova temporada

de “Livre”, com o irmão de Helena, o músico João Bittencourt. Apresentam-se em maio no festival CircusStad, em Rotterdam.

Helena e Goos também fazem cinema. Os curtas-metragens “Show” (menção honrosa no London Worldwide Comedy Short Film Festival, prêmio de melhor filme no Playing the Fool Film Fest), Canadá), “Kit-Chen”, premiado com o prêmio de melhor curta de comédia no Istanbul Film Festival e “Tales of Lovely Locked Losing Heroes”, vencedor do prêmio de melhor curta criativo no European Film Festival e melhor roteiro no Sidney Multicultural Film Fest.

SERVIÇO

COMO UM PALHAÇO - LIKE A CLOWN
Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 5/10, de quinta a sábado (20h) e domingo (18h) | Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 10 (associado Sesc) e grátis (PCG)

Luiz Antônio Pilar/Divulgação



A dama do improviso

Afro Flor vive Dona Cebola, personagem inspirada no partido alto 'Feirinha da Pavuna'; o universo das feiras livres é o fio condutor da montagem

Musical com texto de Leonardo Bruno e direção de Luiz Antonio Pilar celebrando a trajetória da sambista Jovelina Pérola Negra

A voz grave de Jovelina Pérola Negra ecoa nos palcos cariocas com o musical “A Pérola Negra do Samba”, em cartaz no Teatro Carlos Gomes. A montagem, assinada pelo jornalista e escritor Leonardo Bruno e dirigida por Luiz Antonio Pilar, resgata a memória de uma das figuras mais emblemáticas do samba de partido-alto, um símbolo da força da mulher negra na música brasileira.

Jovelina Pérola Negra construiu uma carreira singular no universo predominantemente masculino do pagode carioca. Nascida em 1944, a cantora e compositora destacou-se por sua capacidade de improvisação e malandragem nas rodas de samba, características tradicionalmente associadas aos homens do gênero.

Sua obra retratava com humor e perspicácia o cotidiano do subúrbio carioca, transformando em música as experiências do povo da periferia. O reconhecimento, porém, chegou tardiamente: apenas aos 41 anos, em 1985, quando participou do disco “Raça Brasileira”, álbum que também revelou Zeca Pagodinho e se tornou marco do pagode nacional.

O espetáculo recorre a mais de vinte canções da artista para construir sua dramaturgia, tendo como fio condutor a personagem Dona Cebola, da música “Feirinha da Pavuna”. A canção inspira tanto o cenário quanto o figurino da montagem, que reproduz o ambiente colorido das feiras livres suburbanas, com caixotes e placas em letras de filete. Sucessos como “Bagaço da Laranja”, “Sorriso

Aberto” e “Luz do Repente” dividem espaço com composições menos conhecidas, oferecendo um panorama abrangente da produção musical de Jovelina.

A atriz, cantora e compositora Afro Flor assume o desafio de interpretar a protagonista, acompanhada por Thalita Floriano, Fernanda Sabot e Thiago Thomé, que dão vida a figuras marcantes da trajetória da sambista, incluindo familiares e personalidades como Clementina de Jesus, uma das principais influências artísticas de Jovelina. O elenco conta ainda com seis músicos: Matheus Camará no violão e Rodrigo Pirikito no cavaquinho, dupla responsável pela direção musical, além de Daniel Esperança no teclado, Wesley Lucas na bateria, Pedro Ivo e Thainara Castro

nas percussões.

Leonardo Bruno, que já havia colaborado com Luiz Antonio Pilar no premiado “Leci Brandão - Na Palma da Mão”, vencedor do Prêmio Shell de Direção, encontra em Jovelina um personagem que dialoga com suas pesquisas sobre o universo do samba. “Jovelina construiu sua carreira cantando músicas que falavam do dia a dia do subúrbio: o trem lotado, a confusão na esquina, o malandro da Zona Norte, a patricinha da Zona Sul, a negritude orgulhosa, a fé numa força maior. Foi uma carreira curta, mas muito intensa, com diversos sucessos, marcados por sua figura emblemática”, explica o dramaturgo, que também atua como comentarista de carnaval e integra o júri do Estandarte de Ouro.

Jovelina transitava com naturalidade pelos códigos masculinos do partido-alto. “Ela se diferencia dos demais nomes femininos do universo do samba por ser uma cantora de partido-alto, do improviso, da malandragem, características normalmente associadas ao masculino”, observa Bruno. “Ela era essa mulher bem-humorada, que consegue bater de frente com os homens, enfrentando na rima, com picardia, falando de igual para igual na roda de samba”, completa o autor.

O diretor Luiz Antonio Pilar destaca que a montagem aborda questões sociais mais amplas. “O espetáculo apresenta um grande panorama da vida da artista, preservando sua memória. Jovelina foi uma entre tantas brasileiras que, em meio à busca pela sobrevivência, tinha um sonho de se tornar cantora. Enfrentou o racismo, o machismo e diversas adversidades”, afirma o diretor, destacando como a trajetória da sambista reflete as lutas do povo preto e periférico.

A carreira de Jovelina, interrompida precocemente por um infarto em 1998, aos 54 anos, deixou um legado que permanece vivo nas rodas de samba da cidade. Integrante da geração que emergiu do Cacique de Ramos ao lado de nomes como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Jorge Aragão e Almir Guineto, ela soube conquistar seu espaço e sua obra é um farol para novas gerações de sambistas, especialmente mulheres que encontram em sua trajetória um exemplo de resistência e talento.

SERVIÇO

A PÉROLA NEGRA DO SAMBA

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro)
Até 9/11, quintas e sextas (19h) | sábados* e domingos (17h)
Ingressos: Plateia - R\$ 80 e R\$ 40 (meia) | balcão - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)
*Sessões com intérprete de Libras e audiodescrição

Exposição 'A Montanha como Metáfora' reúne obras de 16 artistas em residência artística online

Investigações partilhadas

Divulgação



Mostra na Samba Arte Contemporânea celebra criações desenvolvidas durante três meses de imersão e discussão crítica

A Samba Arte Contemporânea apresenta, em parceria com a Zait, a exposição "A Montanha como Metáfora - ou o Tempo", reunindo obras resultantes do programa de residência artística online coordenado pela curadora e crítica de arte Daniela Labra, fundadora da plataforma Zait.

São 16 artistas em diferentes estágios de suas trajetórias que participaram de três meses de imersão artística e discussão crítica sobre suas propostas de investigação em arte. Fazem parte Aldenor Prateiro, Almany Jr., Arthur Caaninga, Breno de Santana, Cali Cohen, Clara Tibery, Grasi Fernasky, Karen Vieira, Luciana Boaventura, Maria Lucia Simonsen, Neyde Lantyer, Odette Boudet, Raquel Ide, Renata Freitas, Simone Fontana Reis e Tatiana Coelho.

A exposição marca um momento de partilha entre artistas que seguem em constante transformação. "Mais do que resulta-



do de um programa formativo, a mostra celebra as criações reunidas, as obras, mas também o ser artista contemporâneo em um mundo tão

diverso, vibrante, conflituoso — e sempre instigante", explica Daniela Labra.

Com trabalhos desenvolvidos

em mídias e suportes variados, os artistas demonstram comprometimento com pesquisa poética individual. Suas obras refletem

prática artística consciente, voltada à experimentação e criação em contexto global cada vez mais marcado pela homogeneização estética e transformação da vida em mercadoria.

"Acreditamos que a prática artística, o ensino da arte e o pensamento crítico são ferramentas fundamentais para desenvolver uma existência mais completa e honesta consigo", opina a curadora. O programa de residência online da Zait representa inovação no formato tradicional de residências artísticas, permitindo que artistas de diferentes localidades participem do processo de criação e reflexão crítica.

SERVIÇO

A MONTANHA COMO METÁFORA - OU O TEMPO

Samba Arte Contemporânea (Estrada da Gávea, 899 / 2º piso - Fashion Mall)

Até 5/10, segunda a sábado (10h às 20h) | domingos e feriados (14h às 20h)

Entrada franca